

RELATO DE EXPERIÊNCIA COMO ACOMPANHANTE TERAPÊUTICA: ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Wilne Neves Martins Lustosa ¹

Enayde Fernandes Silva Dias ²

RESUMO

O Acompanhamento Terapêutico (AT) geralmente é realizado por um técnico em educação ou saúde, ou pedagogo, que faça um curso de formação de acompanhante terapêutico baseado normalmente na análise do comportamento aplicado. A ideia não é substituir o professor, mas fazer com que a criança se sinta mais incluída e aproveite o máximo de tempo dentro da escola. É feito em uma modalidade de ressocialização do sujeito, ou seja, aquela pessoa que tem dificuldade de se reabilitar sendo incapaz de deslocar-se e não consegue conviver em sociedade. Este artigo buscou refletir sobre o processo de acompanhamento terapêutico realizado como graduanda de Pedagogia. O motivo da pesquisa partiu da vivência em acompanhamento individualizado durante as aulas. Dessa maneira, foi estimulado nos estudos e proporcionou o convívio social do aluno. O presente estudo então se deu através da necessidade de incluir o aluno com deficiência no ambiente escolar, assim, possibilitando o acolhimento, sem discriminação (KIBRIT, 2013). Conclui-se que esse profissional vai mediar o comportamento da criança com relação acadêmica, dentro da escola, aproximar cada vez mais a criança para o processo de aprendizagem com a professora. Então aquele aluno que não consegue introduzir na rotina escolar o AT vai mediar o ensino dessa prática em sala de aula de forma a manter a criança integrada.

Palavras-chave: Acompanhante Terapêutico; aprendizagem; ensino fundamental.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa procurou refletir sobre o processo de acompanhamento terapêutico realizado como graduanda de Pedagogia. O acompanhante terapêutico se faz necessário no cotidiano do aluno com deficiência.

É necessário que se tenha um acompanhante terapêutico (AT) no momento em que se tem dificuldade atencionais, de organização do ambiente escolar, como prestar atenção, no

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Ensino Superior do Piauí - FAESPI, wilnezinha_lustosa@hotmail.com;

² Enayde Fernandes Silva Dias. Mestre em Educação. Professora da Faculdade de Ensino Superior do Piauí, enaydesilva@faespi.com.br;

engajamento das atividades, na realização das tarefas, através do segmento dos comandos coletivos, quando existir as necessidades de se comunicar e socializar. Assim se faz necessário um suporte de um professor auxiliar que faça a mediação e intermediação a relação dessa criança com a professora titular da sala de aula e com os colegas incentivando e dando condições para que se realizem as propostas.

O AT precisa ser treinado e capacitado para saber o que fazer e incentivar a atenção da criança para o comando da professora, estimular estratégias sociais e de comunicação para que possa participar das atividades e consiga realizar algumas mesmo que precise de adaptação (NETO; AMARANTE, 2013).

Quem é o profissional Acompanhante Terapêutico? Geralmente é um técnico em educação ou saúde, então podendo ser um pedagogo, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, especialista em educação especial e ainda um estudante de psicologia que faça um curso de formação de AT que geralmente é um curso em análise do comportamento aplicada (ABA) e que tem uma supervisão de um analista para implementar o currículo e abranger a carga horária de intervenção do cliente entre quinze à quarenta horas (GODINHO; JUNIOR, 2019).

O AT é o profissional responsável por fazer essa intervenção no ambiente escolar natural e promover procedimentos de ensino já orientado e supervisionado por um analista de acompanhamento. Na escola tem como desafio o papel fundamental de mediar a inclusão da criança na sala de aula. Por essa razão, ainda é comum ser confundido com um cuidador. O Acompanhante terapêutico tem uma formação específica, onde vai receber todo o programa de ensino da criança, com orientações de como mediar a intervenção da criança (DISCONSI et al. 2013).

Além disso, outra responsabilidade é promover a integração social para que essa criança esteja interagindo com outras, em grupos. Nesse contexto, é importante reforçar o comportamento adequado assertivo da criança, com reforço social e tangível, com qual procedimento a criança estiver sendo orientada dentro dos processos de ensino (PINTOS; MORAIS, 2017).

Destacando a necessidade de manejar o comportamento problema, conforme é orientado pelo o analista do comportamento, essas condutas problema apresentadas pela criança na escola, devem ser manejadas com o auxílio do supervisor, que irá orientar ,no ambiente escolar com os devidos procedimentos. É importante que o AT tenha esses procedimentos dentro da sala e registrar os comportamentos dentro do processo escolar, usar



folha de registro para que o analista consiga acompanhar a evolução da criança. O AT tem funções técnicas, sendo diferente do cuidador que não está lá apenas para cuidar da criança (GERAB, 2016).

METODOLOGIA

O estudo foi realizado através de relato de experiência, desenvolvido a partir da vivência da graduanda de Pedagogia como acompanhante terapêutico. Foi ocorrida em uma escola particular no município de Teresina-PI, em que a autora cumpriu seu estágio curricular do ensino fundamental.

O acompanhamento terapêutico teve início no mês de agosto de 2022, feito com uma criança do quarto ano do ensino fundamental, onde o pai da aluna chegou com algumas queixas e pediu que houvesse um acompanhamento específico. E durante as aulas, foi feita observação das dificuldades e as possíveis habilidades dessa aluna.

REFERENCIAL TEÓRICO

O acompanhante terapêutico é um termo advindo da psicologia e cresceu através do movimento antimanicomial que veio com o intuito de acelerar o processo de socialização das pessoas que precisavam de uma assistência maior por problemas emocionais, comportamentais ou até psiquiátricos (DISCONSI et al 2013).

Esse profissional é selecionado por uma terapeuta, que vai estar à frente desse processo. Já a acompanhante terapêutica atua fora da clínica e aplica o plano de desenvolvimento terapêutico em outros lugares sendo na escola, residência e nos demais espaços, visto que, para desenvolver habilidades, é preciso generalizar. Então algumas habilidades precisam ser desenvolvidas para além do consultório, por exemplo, a assistente terapêutica vai à casa do paciente e passa alguns momentos aplicando a terapia de acordo com o que foi planejado para a pessoa, frequentando os locais onde ela costuma frequentar para poder ajudar a desenvolver as habilidades importantes para o seu desenvolvimento (NETO; AMARANTE, 2013).



É preciso ver esse sujeito como uma pessoa que tem característica de personalidade, a partir dos próprios sintomas específicos individuais e, devido a isso, não fazer com que ele abandone as demandas particulares e querer que pense e aja como todo mundo. Numa atividade é necessário permitir que o sujeito possa se inserir, fazendo laço social, sem desprezar suas dificuldades (GRUSKA; DIMENSTEIN, 2015).

O foco do acompanhamento terapêutico será a autonomia do indivíduo com o objetivo de ampliar os recursos internos e externos que o paciente tem para poder lidar com as dificuldades. Muitas vezes, o adoecimento limita a pessoa nos seus papéis sociais, nas suas funções dentro de uma dinâmica familiar. Então o acompanhante terapêutico vem para tentar resgatar e inserir esse sujeito dentro dessas atribuições (ALBERTI, 2017).

Um dos diferenciais do acompanhante terapêutico é que esse acompanhar pode acontecer em qualquer espaço público e privado. Para se tornar um AT, precisa que uma tenha disponibilidade para a outra, no sentido de se despir de alguns engessamentos de uma prática que existe porque o espaço de atendimento é diversificado, podendo ser em todos lugares próprios para fazer o acompanhamento (MEIRA, 2013).

É uma intervenção além de uma interpretação de simbolização, mas também um ato de estar com ele usando os instrumentos do potencial dele, das ferramentas específicas para ajudá-lo estar naquele lugar, que antes para ele era uma dificuldade. É importante mapear os potenciais e as dificuldades do indivíduo, identificando a consequência do problema e que pode ser modificado e o que já faz parte do repertório do comportamento afetivo e histórico desse paciente. A partir disso, se consegue identificar que profissionais poderiam responder melhor a essa demanda específica (MARQUES, 2013).

Existem algumas áreas que se destacam pelo fato de desenvolver bem a função, como é o caso dos educadores, os músicos terapeutas, os terapeutas ocupacionais e psicólogos, todos têm umas vastas experiências em saúde mental. A ideia é ter o maior número de profissionais, porque embora todos estejam na função de AT, cada um tem seu núcleo de saber. Esse olhar multiprofissional enriquece, porque cada um traz o seu olhar de acordo com o seu funcionamento, mas que eles contemplam um viés clínico que é da psicanálise (PORTO, 2013).

A análise do comportamento aplicado se dar a partir do momento que o assistente terapêutico ou acompanhante terapêutico poderiam ser bem-vindos na terapia ABA. No Brasil, esse movimento vem crescendo. Hoje o AT é um profissional que verdadeiramente



tem no seu campo as qualificações mais bem executadas, visto que existem empresas que fazem formação e qualificação do AT (PALOMBINI; ROCHA, 2017).

Essa análise do comportamento vem a ser um conjunto de técnicas, que é uma ciência. Isso significa que já foi pesquisado e comprovado através de estudos, sendo eficazes para o tratamento do autismo. As técnicas de modificação de comportamentos são baseadas através do conhecimento A.B.A e servem para fazer programas para montar a intervenção de uma criança com autismo ou com algum tipo de deficiência (FERNANDES; AMATO, 2013).

O curso de formação terapêutico A.B.A foi pensado para os estudantes da área da educação e saúde que desejam se qualificar para atuarem como ATs, dando suporte aos terapeutas para ajudar no desenvolvimento de crianças e de outras pessoas que precisam dessa intervenção e que desejam chegar na vida profissional com essa qualificação. Esse curso também é para aqueles que desejam fazer formação continuada que já estão atuando como terapeutas problemas, de implementar técnicas fundamentadas na análise do comportamento e que desejam ampliar esse conhecimento, professores que têm dificuldades para adaptar adaptar o processo escolar da criança, para os pais que tem uma criança atípica e precisam compreender a terapia que os profissionais fazem com seu filho e implementar essas estratégias em casa, proporcionando maior tempo de intervenção para a sua criança e verdadeiramente promover a generalização de comportamentos ensinados na clínica (BENITEZ, 2021).

O curso estuda o que é a ciência, fala sobre o embasamento filosófico dessa ciência, busca entender o comportamento humano, trás a importância de aprender sobre a atuação e as responsabilidades do acompanhante terapêutico, conhecendo a estrutura de uma sessão, as técnicas do procedimento de ensino, o comportamento e a avaliação de comportamento, entre outros. Portanto ao se capacitar, certamente estará mais habilitado para intervir no autismo e em outros transtornos do desenvolvimento (GOMES, 2017).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durantes as aulas, se observou a necessidade de se fazer avaliações adaptadas para que atendesse a demanda, avaliada durante os meses de aula, de acordo com o rendimento da aluna. Entretanto, tudo que acontecia, sendo positivo ou negativo, era passado para a

supervisora e logo em seguida, tinha um retorno que era direcionado, conforme os resultados analisados durante a trajetória em sala de aula do sujeito envolvido.

A aluna apresentava dificuldade na leitura e interpretação de texto, na maioria do tempo se dispersava com facilidade, pois não acompanhava a leitura nas matérias de linguagens e outras que envolviam textos. Na parte dos cálculos, demonstrava insegurança para montar o cálculo e ao mesmo tempo, resolve contando nos dedos e apresentava respostas diferentes. Tem dificuldade de se socializar com os colegas e professores. Durante o intervalo, se senta sozinha para lanche e além de seu comprometimento cognitivo, não consegue andar sozinha. É notório que seu aprender deverá ser no seu ritmo e forma, na sua modalidade. Portanto, não importa se aprendeu especificamente aquele conteúdo, mas que se desenvolva e aprenda, podendo ter autoria de pensamento e aprendizagem. Então a inclusão significa que serão usadas ferramentas necessárias para aquela pessoa, considerando o que a mesma, precisa do processo de aprendizagem. Assim, aprende com a aluna como ensiná-la e como ela aprende.

A escola que a aluna estava inserida não é totalmente um ambiente inclusivo, apesar de ter rampas para que se locomova com a ajuda da cadeira de rodas, ainda existe nesse ambiente acesso limitado e a falta de elevador no local. Além disso, uma das disciplinas que compõem o componente curricular do aluno, fica em uma sala que, para ter acesso, precisa subir uma escada, que fica inviável para uma cadeirante e precisa que alguém a carregue nos braços. Além de profissionais especializados, como uma psicopedagoga, a escola não tem e sabemos que é de suma importância existir no espaço escolar, já que na instituição de ensino têm pessoas com deficiências e precisam dos serviços de um profissional que possa tentar solucionar os problemas na aprendizagem desses alunos. Na sala de aula, existem pessoas diferentes com laudos de TEA, Hiperatividade, outros com outro tipo de transtornos, mas exatamente essa que específico tem o grau de dificuldade dos demais.

Foi trabalhado com essa aluna em sala de aula atividades como ditado, roda de leitura, monólogo dramatizado e jogo de identificação de palavras, para estimular a leitura e interpretação de texto, dando suporte nas produções textuais. Na matemática foi a vez das elaborações dos exercícios que pedia que essa aluna formulasse a conta. A mesma tinha dificuldade em colocar dezena embaixo de dezena. Devido a esses problemas que se apresentavam, houve a necessidade de se trabalhar a caligrafia, pois escrevia longe das palavras e devido essa desorganização na escrita, tinha dificuldade em armar as contas um

debaixo do outro. Só assim, conseguiu deixar alinhado, nas produções e cálculos matemáticos.

Foi um desafio ser acompanhante da aluna, pois no começo a ela apresentava medo, não conseguia se socializar com a turma, havia a negação familiar, se sentia pressionada pelo o pai, pois fazia esforço mais do que sua capacidade poderia permitir.

Atualmente, seu desempenho tem melhorado, consegue produzir texto sozinha e armar operações matemáticas. Na parte da socialização, consegue interagir com os colegas e assim foi ganhando espaço no ambiente escolar.

A experiência foi satisfatória e prazerosa para a autora. A educação especial vem ganhando espaço no ambiente escolar e cada vez mais discentes e docentes vêm se capacitando para avançar em seus conhecimentos e estimular nas atividades, facilitando o processo de ensino-aprendizagem. Foi notável que o estágio proporciona vivenciar a teoria com a prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acompanhante terapêutico é uma modalidade clínica e educacional, que atua no campo da saúde mental e na educação. É entendida como mais uma estratégia de cuidado à pessoa com sofrimento mental. A orientação do AT é que se possa está mais próxima do sujeito no tempo maior, fazendo uma intensificação do cuidado dessa pessoa, podendo ser uma vez na semana, como pode ser todos os dias, sem uma delimitação de horário, se a necessidade exigir. Se for fazer o acompanhamento à noite, é preciso está disponível, a mesma coisa nos finais de semana. Então a proposta se estende à necessidade do sujeito, não há um quadro predefinido por um consultório ou instituição.

A evolução do AT tem avanço que sai de um acompanhamento do amigo qualificado para um serviço mais especializado, com objetivos específicos e principalmente um trabalho que busca inserir o sujeito, sem negar a sua particularidade e individualidade.

Atualmente, o que se vê na prática é que o AT pode ser indicado para qualquer paciente com transtorno mental e de aprendizagem, seja ele nível 1 ou 2, que tenha algum tipo de dificuldade de estar no mundo ou consigo mesmo, mas que de alguma forma os sintomas ou a realidade patológica tem causado algum tipo de limitação pessoal ou social. A quem se



destina? Ao indivíduo que justifique as intervenções no cotidiano dele e pelo próprio sofrimento que ele tenha perdido a autonomia, em algum aspecto, seja na questão profissional ou familiar. Tudo isso, o acompanhamento vai tentar resgatar.

Quando uma criança vai para a escola, é visto que é um espaço onde tem estímulos e informações que são importantes para o desenvolvimento dela. Se ficar insolado e sair de dentro da sala de aula, se não realiza as atividades que são propostas dentro da escola, os colegas vão adquirir aquelas informações e ela vai ficar cada vez mais para trás dos pares da mesma idade.

Então se a pessoa não estiver realizando todas as atividades dentro da sala de aula, vai precisar de um suporte que vai incentivar, mediar e intermediar a relação dessa criança com a professora principal da sala de aula, e com os colegas, dando condições para que ele realize as atividades e propostas.

Portanto, é necessário que o aluno com deficiência tenha acompanhamento para que se possa avançar no seu processo de aprendizagem. O acompanhante terapêutico é de extrema relevância para a pessoa que apresenta problemas com a aprendizagem, pois seu trabalho ajuda a desenvolver a independência dessa criança na vida escolar e social.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Sonia et al. O Acompanhamento Terapêutico e a psicanálise: pequeno histórico e caso clínico. 8º CONPSI – Psicologia, contemporaneidade e inserção social: desafios e perspectivas, intitulada Dispositivos clínicos para um cuidado no cotidiano: psicanálise e saúde coletiva. **Revista Latino americana de Psicopatologia Fundamental [online]**. v. 20, n. 1 pp. 128-141. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2017v20n1p128.9>>. ISSN 1984-0381. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2017v20n1p128.9>. Acesso: 16 Novembro 2022.

BENITEZ, Priscila et al. Atitudes Sociais de Agentes Educacionais em Relação à Inclusão e à Formação em Análise do Comportamento Aplicada. **Revista Brasileira de Educação Especial [online]**. 2021, v. 27. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0125>>. Epub 23 Jul 2021. ISSN 1980-5470. <https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0125>. Acesso: 16 Novembro 2022.

DISCONSI, Aline Martins et al. Acompanhamento terapêutico: andanças pelo dentro e o fora da instituição. **Psicologia & Sociedade [online]**. 2013, v. 25, n. pp. 65-72. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000600009>>. Epub 08 Maio 2014. ISSN 1807-0310. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000600009>. Acesso: 25 Setembro 2022.

FERNANDES, Fernanda Dreux Miranda; AMATO, Cibelle Albuquerque de la Higuera Análise de Comportamento Aplicada e Distúrbios do Espectro do Autismo: revisão de literatura. **CoDAS**. 2013, v. 25, n. 3, pp. 289-296. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/codas/a/vgGhzWvhgWXJXp5PrvBK9Nr/>. Acesso: 15 de novembro 2022.

GERAB, C. K. Uma acompanhante terapêutica para duas. **Estilos da Clínica, [S. l.]**, v. 21, n. 1, p. 189-199, 2016. DOI: 10.11606/issn.1981-1624.v21i1p189-199. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/117782>. Acesso: 25 set. 2022.

GODINHO, Danilo Marques; PEIXOTO, Carlos Augusto junior. Clínica em movimento: a cidade como cenário do acompanhamento terapêutico. **Revista de Psicologia [online]**. , v. 31, n. 3 , pp. 320-327, 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/j/fractal/a/YJDXGzqPqvwqtDvtcfDDBjv/>. Acesso: 16 Novembro 2022.



GOMES, Camila Graciella Santos et al. Intervenção Comportamental Precoce e Intensiva com Crianças com Autismo por Meio da Capacitação de Cuidadores. **Revista Brasileira de Educação Especial [online]**. v. 23, n. 3, pp. 377-390, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/VFw6H8smGqFMghsg8TRDKxK/>. Acessado 16 Novembro 2022.

GRUSKA, Viktor e Dimenstein, Magda. Reabilitação Psicossocial e Acompanhamento Terapêutico: equacionando a reinserção em saúde mental. **Psicologia Clínica [online]**. v. 27, n. 1, pp. 101-122, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v27n1/06.pdf>. Acesso: 14 de novembro.

KIBRIT, Bruna. Possibilidades e desafios na inclusão escolar. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental [online]**. v. 16, n. 4, pp. 683-695, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/KLC37Vh3r7CsMSHvMjWKSjm/?format=html&lang=pt#>. Acesso: 02 novembro 2022.

MARQUES, Mariana Ribeiro. A prática do acompanhamento terapêutico como estratégia de expansão territorial: uma incursão cartográfica. **Psicologia & Sociedade [online]**. v. 25, n.2, pp. 31-40, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/MSfSwVr6TvnrzRZVv4zpZTx/>. Acesso: 16 Novembro 2022.

MEIRA, Ana Marta. As crianças na cidade e o acompanhamento terapêutico. **Psicologia & Sociedade [online]**. v. 25, n.2, pp. 41-45, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/9hGtqMtrYDPszM4hcj8qNvc/>. Acesso: 16 Novembro 2022.

NETO, Manoel de Lima Acioli; AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho. O acompanhamento terapêutico como estratégia de cuidado na atenção psicossocial. **Psicologia: Ciência e Profissão [online]**. v. 33, n. 4, pp. 964-975, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/6tRZ4PxBCJjgLxWCLkKGb9b/>. Acesso: 25 Setembro 2022.

PALOMBINI, Analice de Lima; ROCHA, Lorena Pinheiro. A clínica do Acompanhamento Terapêutico como pesquisa psicanalítica: uma escrita compartilhada entre vários. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica [online]**. 2017, v. 20, n. 3 [Acessado 16 Novembro 2022], pp. 732-742. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/qpc9PjzyvQf8SrLTyh7ZK4P/>. Acesso: 15 novembro 2022.

PINTO, R. N.; MORAIS, R. S. ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO E A PRÁTICA DA TERAPIA COGNITIVO-COMPORTAMENTAL: encontros e desencontros. **Psicologia e**



Saúde em debate. v. 3, n. 1, p. 10–11, 2017. Disponível em: <http://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/209>. Acesso: 25 set. 2022.

PORTO, Maurício. A pólis arquipélago: notas do acompanhamento terapêutico. **Psicologia & Sociedade** [online]. v. 25, n.2 , pp. 2-8, 2013. Disponível: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/LkjKt5RwzFDLRsTxc4B7ZFq/>. Acesso: 15 de novembro 2022.